

ONDE ESTÁ O NEGRO

**ONDE ESTÁ O NEGRO
NA TV PÚBLICA?**



ONDE ESTÁ O NEGRO
NA TV PÚBLICA?

ONDE ESTÁ O NEGRO NA TV PÚBLICA?

A Fundação Cultural Palmares, através deste trabalho, fruto de uma criteriosa pesquisa, intitulado – “ONDE ESTÁ O NEGRO NA TV PÚBLICA?” visa, essencialmente, dar a sua parcela de contribuição para esta vital discussão que é a democratização da comunicação no Brasil, em particular das Tvs Públicas. Pretendemos, também, proporcionar uma reflexão mais profunda sobre os conteúdos atuais e futuros deste importante veículo de comunicação, que é a televisão.

Para tanto, a FCP foi buscar a experiência e a competência do cineasta Joel Zito Araújo, reconhecido nacionalmente como um dos grandes estudiosos do tema, para assim poder apresentar aos participantes do FÓRUM NACIONAL DE TVs PÚBLICAS, o quadro atual da presença da cultura negra na grade de programação de três das principais redes de televisão pública do país – a TVE Brasil, TV Cultura SP e TV Nacional. Os dados levantados mostram mais uma vez, e de forma contundente, a enorme dicotomia entre a rica pluralidade da sociedade e a programação da nossa mídia, notadamente no que diz respeito a presença e a contribuição daqueles que representam quase 50% da sociedade brasileira – os afro descendentes.

Neste sentido, temos certeza de que este trabalho, embora embrionário e piloto de uma série que iremos publicar, será de grande importância, tanto para o diagnóstico como para as proposições que, certamente, serão discutidas e aprovadas, neste Fórum, para a democratização plena do acesso e do conteúdo das tvs públicas brasileiras.

Axé !

Zulu Araújo

Presidente da Fundação Cultural Palmares

INSTITUCIONALIDADE

Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura Gilberto Passos Gil Moreira

Presidente da Fundação Cultural Palmares Zulu Araújo

Diretor de Promoção, Estudos, Pesquisa e Divulgação da Cultura Afro-Brasileira Antônio Pompeo

Diretora de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro Bernadete Lopes

GRUPO DE TRABALHO

Coordenador Geral: Joel Zito Araújo

Equipe do Rio de Janeiro Flávia Santos de Oliveira, Luiza Botelho Almeida, Márcio Alexandre M. Gualberto

Equipe de Brasília: Rachel Quintiliano, Dalila Negreiros Equipe de São Paulo: Mídia e Etnia Ltda.

Consultoria: Federico Subervi-Velez Estatístico: Luiz Marcelo Ferreira Carvano

Designer gráfico: Maria Julia B. Ferreira

Revisão de texto: Angela Freitas

O rádio e o cinema tiveram um papel decisivo na organização dos relatos hegemônicos sobre a identidade nacional brasileira – e da maioria dos países latino-americanos - na primeira metade do século XX. A televisão ocupou progressivamente este lugar a partir de 1950.

Na reestruturação “modernizadora” do imaginário brasileiro, a produção televisiva contribuiu com um elogio permanente às características estéticas do segmento euro-descendente, reafirmando uma espécie de vitória simbólica da ideologia do branqueamento. Este construto, criado pelas elites no final da escravidão, norteou um universo ficcional com pretensa representação do real, marcado por personagens brancas, altas e magras, que nunca fez jus à maioria da população que circula pelas ruas das nossas metrópoles.

A estas considerações se somam outras, desenvolvidas no livro “A Negação do Brasil”, que contém as conclusões de um estudo sobre a presença do negro na telenovela brasileira, mostrando que atores e atrizes afro-brasileiras somente foram incorporados de forma regular na história da telenovela como representação de uma “natural” subalternidade racial e social, portanto, como estereótipos de si mesmos.

A mais evidente negação de nossa diversidade racial pode ser observada na constatação de que atores afro-descendentes estiveram ausentes de um terço das telenovelas produzidas neste quase meio século de história do gênero, que desde 1963 se tornou o programa diário de maior sucesso da TV brasileira. E nos outros dois terços, nunca ultrapassaram 10% do elenco escalado.

O mesmo estudo constatou que em nenhuma dessas obras se fez qualquer defesa da mestiçagem brasileira, e isto vale até mesmo para a adaptação da obra de Jorge Amado. O mulato foi sempre apresentado como feitor ou capitão do mato nas novelas escravocratas, ou como pequeno comerciante, delegado, subgerente e serviçal intermediário (mais interessado em subir na vida a qualquer preço, suportando a humilhação por sua origem “impura”), buscando evitar as referências a sua condição de mestiço e servindo às necessidades de controle do negro na sociedade. Portanto, simbolicamente, mesmo na representação de nossa miscigenação, persiste a idéia de superioridade do branco. E, assim, o espetáculo dos corpos miscigenados exibidos reiteradamente nas imagens carnavalescas transmitidas pela TV não encontra eco na telenovela, tampouco foram representados ou celebrados como modelo racial ideal para o país.

Embora tendo este estudo como referência, preferimos participar do debate no Fórum Nacional de TVs Públicas, evitando suposições de que as TVs Públicas brasileiras repetem a super-representação de brancos e louros (um arianismo que ainda persiste) e a mesma sub-representação de afro-descendentes e índio-descendentes, tão costumeiras na TV comercial. Assim, esta pesquisa procurou analisar dados concretos para compreender este universo e elaborar proposições que permitissem enfrentar os desafios reais para uma nova TV Pública, em termos de incorporação e representação da diversidade racial brasileira.

A opção metodológica foi gravar e decodificar uma semana de programação, acreditando-se obter com isto uma síntese do que é levado ao ar anualmente pelos canais de maior projeção na rede pública atual. Foi examinada a programação exibida entre 08 e 15 de abril de 2007, no horário compreendido entre 7:30 e 24 h, pela TV Cultura (imagens geradas para São Paulo-capital), TVE Brasil (imagens geradas para o Rio de Janeiro-capital) e pela TV Nacional/sistema RADIOBRÁS (imagens geradas para Brasília-DF).

Os gráficos a seguir sintetizam os primeiros resultados apurados, com foco exclusivo sobre a programação não-ficcional. Os dados da programação infantil ainda estão sendo processados.

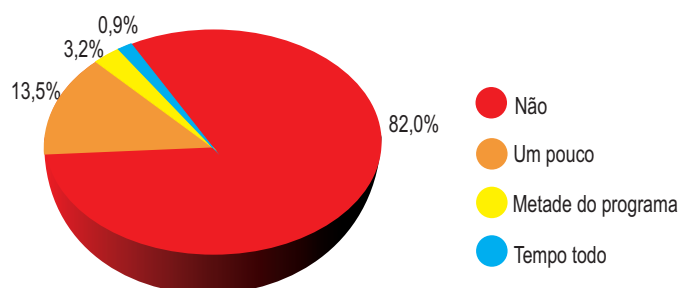
O objetivo deste trabalho é contribuir para uma redefinição conceitual - e de conteúdos - que não repita antigos erros no que diz respeito à negação da multiracialidade e multiculturalidade na caracterização de nosso país.

Joel Zito Araújo

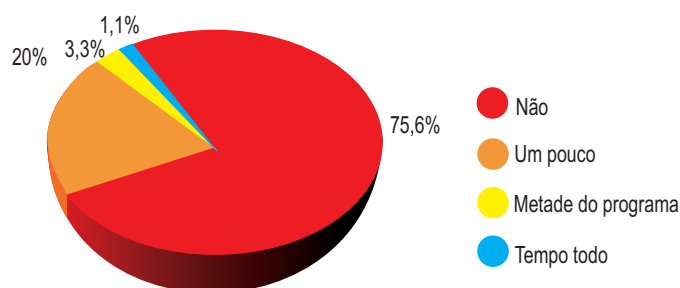
Autor de "A Negação do Brasil – O Negro na Telenovela Brasileira" (Ed. Senac)

DIVERSIDADE ÉTNICO-CULTURAL NOS PROGRAMAS NÃO-FICCIONAIS EXIBIDOS PELAS TVS PÚBLICAS

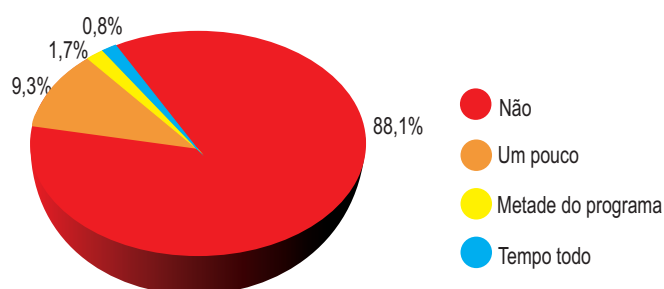
% da Programação com Temática sobre Raça ou Cultura Negra - **Total**



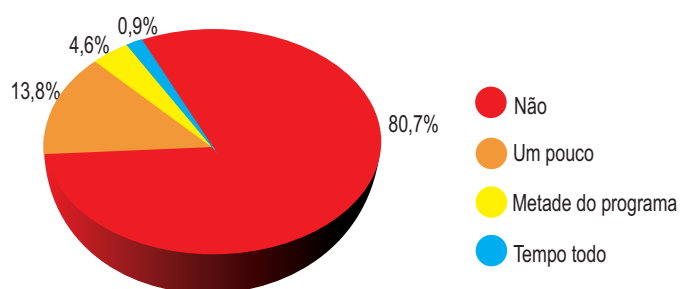
% da Programação com Temática sobre Raça ou Cultura Negra - **TV CULTURA**



% da Programação com Temática sobre Raça ou Cultura Negra - **TV REDE BRASIL**



% da Programação com Temática sobre Raça ou Cultura Negra - **TV NACIONAL**



A população negra e a cultura afro-descendente são sub-representadas na TV

A programação atual das TVs Públicas expressa um baixo perfil de reflexão sobre o pluralismo cultural brasileiro. Ela deixa especialmente de incorporar as matrizes étnico-raciais negra e indígena, vertentes que imprimiram, na fusão com a cultura europeia, a originalidade da cultura brasileira e o grande patrimônio simbólico deste país.

Conceitualmente, foram classificados como programas que trataram da temática raça ou cultura negra aqueles que mencionaram direta ou indiretamente os elementos caracterizados como pertencentes à cultura negra brasileira ou estrangeira (religiosidade, comida, música, dança, folclore etc).

Um exemplo é o programa de entrevista com uma banda de rock, classificado na categoria “um pouco”, no que diz respeito à abordagem da cultura negra, porque o líder euro-descendente do grupo citou que produzia “um som” com muita influência do blues. Tais elementos foram suficientes para, positivamente, considerarmos que o programa de alguma forma citou a cultura negra, mesmo que diaspórica, e de passagem.

Devemos observar que:

- No gráfico que totaliza a programação dos 03 canais em uma semana, a percentagem de 4,1% corresponde à somatória de programas que tiveram efetivamente com foco a cultura negra brasileira ou histórias pessoais e variadas de afro-descendentes. Em 13,9% da programação, foi identificada a categoria “um pouco”, ou seja, apenas referências rápidas sobre aspectos variados relativos a elementos de contribuição cultural de afro-brasileiros ou da afro-diáspora.

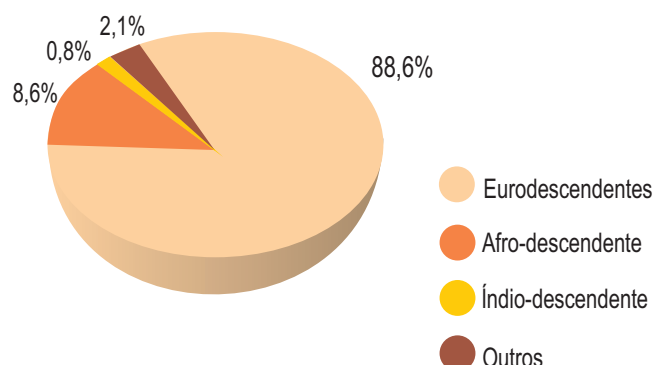
- Nos talk-shows 4/5 (quatro quintos) dos convidados foram pessoas euro-descendentes.

Por exemplo, a TVE Brasil apresentou 71 convidados euro-descendentes, 13 afro-descendentes e 01 índio-descendente. Na TV Nacional foram 95 euro-descendentes convidados, 10 afro-descendentes e nenhum índio-descendente. O mesmo padrão foi apresentado pela TV Cultura.

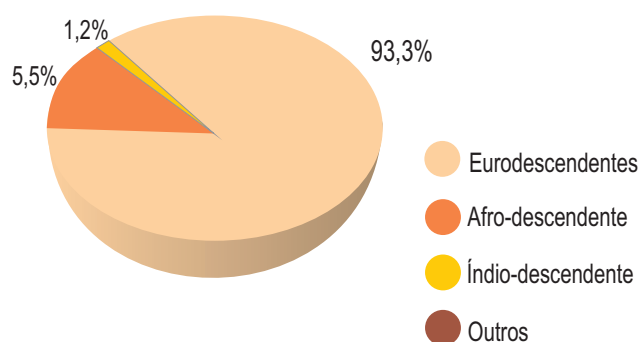
Em todos os canais foi impossível identificar qualquer apresentador deste gênero que não fosse do segmento racial euro-descendente.

PRESENÇA DE APRESENTADORES E JORNALISTAS NEGROS NA PROGRAMAÇÃO NÃO FICCIONAL

% Apresentadores por Raça/Etnia - Total



% Jornalistas por Raça/Etnia - Total



Apresentadores e jornalistas afro-descendentes são representados como minoria étnico-racial do país

Os gráficos aqui exibidos são contundentes na demonstração do lugar minoritário dos afro-descendentes no corpo de apresentadores/as e jornalistas da rede pública de televisão.

Constata-se que afro-descendentes são escalados para os telejornais, não somente como parte do time de jornalistas, mas também no espaço de maior evidência, como apresentadores/as.

Entretanto, o que se verifica é que as TVs Públicas não superam o universo das TVs privadas e repetem a ausência de apresentadores/as afro-descendentes nos talk-shows e programas de auditório, gêneros que, por seu conteúdo, permitiriam a incorporação de maior segmentação temática.

Exibir, ao longo de uma semana de programação, euro-descendentes ocupando 86% do posto de apresentadores/as e 93,3% no posto de jornalistas, nos parece ser uma hiper-representação deste segmento racial.

Este fenômeno é um reflexo da ausência de políticas públicas para assegurar o direito democrático de todo segmento populacional ter seus semelhantes, com as mesmas características étnico-raciais, ocupando postos relevantes e altamente valorizados, fonte fundamental de auto-estima.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Há uma intenção mais ou menos óbvia, ao apresentar esses primeiros resultados, de ajudar a construir um novo conceito de representação racial em que afro-descendentes e índio-descendentes possam ser naturalmente e orgulhosamente incorporados/as nas representações da realidade brasileira.

Cabe ao poder público, neste momento histórico de redefinição e fortalecimento da TV brasileira, enfatizar o peso do que sempre foi negado. Assim, estaremos estabelecendo um novo patamar, em que se apresentará a imagem equilibrada e justa de um país que deve orgulhar-se de ser o que é: um grande mosaico de raças e culturas. Espera-se que agentes sociais e atores culturais desses dois grupos étnico-raciais sejam regularmente incorporados na representação de brasileiros/as e não como estereótipos negativos.

O lugar minoritário de afro-descendentes revelado na pesquisa, especialmente neste momento em que o presidente da República é assumidamente o mais legítimo e característico biotipo de homem do sertão nordestino, incita uma indagação a respeito da televisão brasileira: deverá ser mantida esta idealização do país, tendo como referência a realidade restrita dos segmentos mais favorecidos, majoritariamente composta pelo segmento branco? Não se estaria, assim, perpetuando a recusa em refletir a riqueza de nossa diversidade étnico-racial? (usamos este conceito não no sentido biológico, mas sócio-político).

Ao examinar os conteúdos veiculados na programação não-ficcional (e considerando que foram excluídos deste primeiro relato os programas infantis), em 01 semana de programação constatamos esta predominante cumplicidade temática com o universo das classes médias, em sua maioria euro-descendentes, e a reiteração simbólica da ideologia do branqueamento. Os diferentes segmentos vivos e pulsantes da cultura popular das diferentes regiões do país, especialmente os que espelham maior influência do imaginário negro e indígena, quase não têm relevância e são retratados a partir de um olhar euro-descendente de classe média urbana, na maioria das vezes com origem no eixo Rio-São Paulo. Há, portanto, um choque entre a vida real de uma minoria, que tem mais acesso aos produtos culturais, versus a vida real das pessoas que continuam excluídas dos bens culturais de consumo.

É preciso que se faça, no Brasil, uma reflexão séria sobre essa disparidade entre a vida real e o que aparece na TV, e suas profundas consequências no processo de auto-estima dos segmentos afro e índio-descendentes da população.

Não se pode ignorar que, quando afro-descendentes vêm na TV uma representação subalterna e estereotipada do seu grupo racial, recebem a mensagem de que seu segmento racial e populacional é secundário para o país e para a sociedade, e está predestinado à subalternidade.

Devemos, portanto, fazer um esforço para produzir mensagens opostas. Assim, no futuro, quando nossa juventude afro e índio-descendente passar a enxergar pessoas de todas as raças empregadas em diferentes ocupações, inclusive nas que são altamente valorizadas e respeitadas, a TV Pública estará contribuindo para quebrar os estereótipos negativos que perseguiram as gerações que lhe antecederam.

A título de inspiração para o futuro das TVs Públicas brasileiras, resgatamos trechos do Manifesto apresentado por atrizes, atores e diretores negros, no Festival de Cinema de Recife, no ano 2000 (apoiado e assinado por grande parte dos artistas euro-descendentes presentes):

“**Nós, artistas afro-brasileiros**, reunidos aqui em Recife por iniciativa do 5º Festival de Cinema, vimos a público declarar que:

Este manifesto é uma atitude de denúncia. Expressamos o fim da nossa paciência com a persistência em nossa indústria audiovisual (TV, cinema e publicidade) da cota de segregação existente que não consegue oferecer mais de 10% de trabalho para atores, atrizes, apresentadores e jornalistas negros em seus programas, filmes e peças publicitárias. A invisibilidade e a falta de reconhecimento dos atores negros demonstram por parte dos produtores uma completa ignorância do impacto negativo dos seus produtos nos processos de auto-estima da população negra e indígena de nosso país, em especial de nossas crianças. Expressamos, assim, o nosso descrédito com a capacidade das entidades associativas ou auto-reguladoras de publicitários e produtores de TV de, espontaneamente, tomar iniciativas que ponham fim a injustiça histórica que nos condiciona a uma ínfima presença nas imagens produzidas sobre o Brasil.

Este manifesto é também uma proposta de aliança ampla geral e irrestrita entre negros, índios, brancos e amarelos, na mudança do conceito estético excludente que prevalece em nossa produção audiovisual, que apresenta o branco como o único ideal de beleza para o nosso país, desprezando a riqueza de nossa multirracialidade. É, portanto, uma proposta de alianças com diretores roteiristas, produtores de elenco e diretores de arte para a criação de uma nova estética para o Brasil, que valorize o colorido dos nossos tons de pele e da diversidade da arte inspirada nas manifestações de nossa pluralidade étnica, regional e religiosa”.

Portanto, tomando todos estes elementos em consideração, perguntamos:

- Como a TV Pública pode ajudar a TV Brasileira a superar o padrão estético fundado na promoção da branquitude como representação natural do ser humano, criando assim um novo modelo baseado na diversidade étnico-racial?
- Como a TV Pública poderá dar um salto de qualidade, estabelecendo um compromisso efetivo em refletir nossa rica diversidade cultural etno-racial?
- Que medidas devem ser desenhadas para assegurar a inclusão do segmento negro na produção de programas, atendendo à proporcionalidade real entre euro-descendentes, afros e índio-descendentes do nosso país?
- Como incorporar esses novos atores culturais e políticos afro-descendentes nos processos de gestão de uma nova TV Pública?
- Como assegurar que as demandas dos agentes culturais ativos da comunidade negra sejam ouvidos e incorporados na programação, e que façam parte dos escolhidos para refletir e opinar sobre a realidade social e cultural do país?
- Como fazer com que a TV Pública seja organicamente ligada também às expressões culturais negra e indígena do país, e não somente com o universo das classes médias euro-descendentes?
- Como assegurar que o financiamento da TV Pública também atenda esta nova intencionalidade e compromisso em refletir nossa rica diversidade de expressões culturais dos diferentes segmentos étnico-raciais, assegurando fundos para programas voltados para a auto-estima e valorização das populações afro-descendentes e índio-descendentes?



Ministério
da Cultura



MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES